

União Europeia quer forçar Maputo a aumentar quotas de pesca

Camarão moçambicano com mais interessados

Público 8/6/98

A UNIÃO EUROPEIA ESTÁ A FORÇAR AS AUTORIDADES DE Moçambique a acolher mais armadores europeus na pesca de camarão, o principal produto de exportação moçambicano. Trata-se de uma condição imposta em troca do levantamento da proibição das exportações pesqueiras para o mercado europeu, principalmente para países como Portugal e Espanha.

O assunto já foi ventilado publicamente pela vice-ministra moçambicana das Pescas, Isidora Fazenda, que esteve recentemente em Portugal e Espanha. Segundo a governante, a União Europeia solicitou mais quotas de pescas de camarão para armadores comunitários.

Ao que o PÚBLICO apurou, acabam de chegar a Maputo embarcações de novos armadores portu-

gueses, não se sabendo ainda se estes vêm à luz das intenções da UE. O executivo moçambicano ainda não tomou uma posição definitiva relativamente à proposta europeia, estando neste momento a colher o posicionamento dos armadores nacionais e europeus que lá operam.

O camarão é o principal produto de exportação de Moçambique. São exportadas anualmente para a Europa cerca de 4600 toneladas de camarão, 80 por cento do total de captura admissível pelas autoridades, constituindo aliás a quota de captura em posse de armadores europeus.

O que a UE colocou na mesa é a formação de "joint-ventures" entre armadores europeus e moçambicanos. Mas, se houver acordo, quem sairá prejudicado serão os pequenos armadores

moçambicanos, que não têm capitais nem subsídios suficientes.

É aqui que reside a controvérsia e a hesitação dos operadores moçambicanos, pois os europeus levarão consigo os tão atraentes subsídios comunitários. Mas os grandes operadores europeus já estabelecidos também não acolheram a proposta favoravelmente, argumentando que o aumento de concorrência só poderá existir noutras espécies, pois o camarão está presentemente sobreexplorado.

O embargo europeu ao pescado moçambicano, que não afecta as exportações de camarão dos grandes armadores europeus, dura há vários meses e foi imposto na sequência de um surto de cólera que assolou Moçambique. ■

Marcelo Mosse, em Maputo